

Os jornalistas que antecederam e conviveram com San Martín¹

Antonio Hohlfeldt²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Eduardo Comerlato³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O artigo analisa o papel da imprensa nos processos de independência latino-americanos a partir de 1810, com foco especial na atuação de José de San Martín e outros líderes que usaram os jornais como instrumentos de mobilização política e ideológica, o publicismo. Nesse contexto, a consciência sobre o poder da palavra impressa impulsionou o uso estratégico de jornais, proclamas e panfletos na luta pela emancipação. A pesquisa destaca especialmente a relevância de figuras como Mariano Moreno, Manuel Belgrano, Blanco White, Bernardo Monteagudo e Juan García del Río, cujas práticas jornalísticas revelam a força das ideias da Ilustração junto ao Rio da Prata.

Palavras-chave: Gêneros jornalísticos; História do jornalismo da América Latina; Independência; Ilustração; José de San Martín

O surgimento dos movimentos independentistas na América Latina (1810) coincide com algumas conquistas tecnológicas significativas para a constituição do que depois será chamada de *comunicação de massa*: prensas mais leves, que podem ser levadas junto com as tropas; agências de notícias (1815); desenvolvimento do telégrafo, etc. Tudo isso leva diferentes autores a reconhecerem a importância do jornalismo “como arma de combate e soldado da luta pela liberdade e a emancipação. Cada voz das que intervêm na redação do diário tornava-se um grito elaborado pela doutrina libertadora que todos os dias lograva um pouco de sua missão” (Cimorra, 1946, p. 118); ou sublinharem: “a imprensa teve um papel muito ativo por estes anos: bandos, cartas e proclamações chegam a nossos dias como uma mostra de sua extensa atividade” (Ares, 2012, p. 102).

É o momento em que surge a *opinião pública* (Ulanovski, 2005, p. 13), identificada por este pesquisador justamente a partir do ano de 1810: “No período de 1810 a 1820, apareceram muitos jornais [em Buenos Aires], alguns de caráter oficial, sendo a maior e mais importante parte deles de caráter doutrinário e precursores do liberalismo (...) originando o que se passou a designar novas pátrias” (Vicente in Pizarroso, 1996, p. 522).

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Letras. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: a_hohlfeldt@yahoo.com.br

³ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa CAPES. E-mail: educomerlato@hotmail.com

José de San Martín

Todo este processo esteve centrado em Londres, em torno da figura do venezuelano Francisco Miranda. Com ele se cruzaram Hipólito José da Costa, também lá sediado, depois de ter escapado da prisão da Inquisição portuguesa; Simón Bolívar, Andrés Bello, José Bernardo Monteagudo, Juan Garcia del Río, Bernardo O’ Higgins e muitos mais, inclusive José de San Martín (1812), personagem central deste artigo.

San Martín não foi o iniciador da revolução que conduziu à constituição das Províncias Unidas del Río de la Plata, a partir de maio de 1810. Ele só regressaria ao continente latino-americano em 1812. Nem ele foi propriamente um jornalista, em sentido estrito. Mas é ele quem, antes de iniciar sua marcha no Exército dos Andes, se preocupa em contar com uma imprensa. Assim, além do extraordinário estrategista militar, San Martín iniciou as experiências de influência psicológica sobre os públicos, quer os militares inimigos, quer as populações laicas que pretendia atrair para o seu lado.

No entanto, antes dele, há pelo menos duas figuras de destaque que atuam através do jornalismo para criar as condições para o movimento independentista: Mariano Moreno e Manuel Belgrano. Além delas, José Maria Blanco White, espanhol de nascimento, que edita, durante quatro anos, em Londres, o jornal *El Español* (1810 a 1814); ao lado de San Martín, José Bernardo Monteagudo e Juan García del Río, que desempenham múltiplas funções ao lado do Libertador.

Mariano Moreno e Manuel Belgrano

Mariano Moreno nasceu em Buenos Aires, no ano de 1778. Defendeu a liberdade de comércio e foi Secretário da Primeira Junta de Governo da Revolução de Maio, a partir do que criou o jornal *Gaceta de Buenos Ayres*, que circulou desde 7 de junho de 1810. Ele também traduziu a obra **O contrato social**, de Rousseau, e criou a Biblioteca Nacional. Sua tese universitária denunciava a subalternidade do indígena. Reconhecia a importância do conhecimento como arma de autonomia e cidadania. Na primeira edição da *Gaceta*, assim escreve Moreno:

Para o logro de tantos desejos, a Junta decidiu que saísse à luz um novo jornal semanal, com o título de *Gaceta de Buenos Ayres*, o qual sem tocar nos objetos que tão dignamente se desempenham no *Semanario del Comercio*, anuncia ao público as notícias exteriores e interiores que devam olhar com algum interesse. Nele se manifestarão igualmente as discussões oficiais da Junta com os demais

chefes e governos, o estado da Fazenda Real e as medidas econômicas (...); e uma comunicação franca dos motivos que influenciam suas principais disposições abrirá a porta para as advertências que deseja dar a qualquer pessoa que possa contribuir com suas luzes para a segurança e o acerto de suas decisões.

A outra figura fundamental que precede San Martín é Manuel Belgrano, também natural de Buenos Aires, nascido em 1770, e membro do Consulado espanhol na capital argentina. Defendia a educação técnica dos jovens e chegou a postular que a metrópole enviasse professores ou que os jovens pudessem estudar em Madri.

Em 1º de abril de 1801, enquanto membro do Consulado, apoia a criação do jornal *Telégrafo Mercantil*, de Francisco Antonio Cabello y Mesa, que circularia bissemanalmente, às quartas feiras e sábados, e depois seria transformado em dominical. Mas em 17 de outubro de 1802, retira seu apoio e o jornal logo desaparece. Em seguida, apoia a iniciativa do *criollo* Juan Hipólito Vieytes, que cria o *Semanario de Agricultura* que, entre 2 de setembro de 1802 e 11 de fevereiro de 1807, alcança 218 edições.

A partir de 3 de março de 1810, cria o *Correo del Comercio*, dirigido por Vieytes. Circulando aos sábados, chega a 58 edições, mantendo-se até 5 de abril de 1811.

Por decisão do vice-rei Baltasar Hidalgo de Cisneros, entre outubro de 1809 e junho de 1810, cria e faz circular a *Gaceta de Buenos Ayres*, mas sua crescente percepção do contexto de opressão que cerca a colônia leva a seu rompimento com Cisneros. Belgrano se torna um dos membros do Primeiro Triunvirato.

Entre 10 de julho de 1817 e 31 de dezembro de 1818, Belgrano ainda publica o *Diário Militar del Ejército Auxiliar*, que tem a redação do general chileno Manuel Antonio Pinto. Era dirigido mais diretamente aos soldados que comandava, durante a campanha militar contra os espanhóis no Chile.

Para Belgrano, a imprensa é um elemento insubstituível para a divulgação da cultura, mas deve estar vinculada a um radical sentido de *liberdade*. Por isso mesmo, no dia 8 de novembro de 1811, ele foi indicado como eleitor nato da Junta Protetora da Liberdade de Imprensa, na Argentina, tendo escrito, no dia 11 de agosto de 1810, ainda no *Correo del Comercio*, a seguinte frase: “la libertad de la prensa es la principal base de la ilustración publica”.

Para Enrique Ríos Vicente, citando Bartolomeu Mitre, principal biógrafo de Belgrano, seu jornal, o *Correo del Comercio*, “foi a própria revolução, armada as mais poderosas demonstrações a seu favor: era um aríete contra o edifício gótico da colônia

que demolia sem estrépito, mas acelerada e eficientemente” (Pizarroso, 1996, p. 521). Na perspectiva de Mauro César Silveira (2014, p. 152), este periódico foi um “eficiente canal para a mobilização dos *criollos* argentinos”.

José María Blanco White

Blanco White, como é conhecido, nasceu em Sevilha, no ano de 1775, sendo filho de Guillermo Blanco (conhecido como White), mas com um avô irlandês. Ordenado sacerdote católico em 1800, experimentou forte crise religiosa, viajando para a Inglaterra, em 1810, quando adota a Igreja Anglicana, chegando a Arcebispo de Dublin (1831).

Entre 30 de abril de 1810 e junho de 1814, publica, em Londres, *El Español*, jornal em que ataca frequentemente as Côrtes de Cádiz, por delas discordar quanto ao tratamento dispensado às colônias da América.

El Español era mensal, com cerca de noventa páginas em cada edição. Sua combatividade às Côrtes de Cádiz levou a que a publicação fosse proibida de circular nas províncias americanas. Assim mesmo, alcançou 47 edições:

Desde las páginas de *El español*, Blanco también será partidario de la autonomía de las colonias españolas en ultramar, más que de su secesión, y su ideología evolucionará hacia un liberalismo conservador influenciado por Burke. En el último que publica, en junio de 1814, llegará a escribir que “el edificio que con tan estéril afán habían elevado [las Cortes de Cádiz] sobre arena, vino completamente a tierra” (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de España).

No prospecto de lançamento do periódico, escreve, não sem um pouco de ironia, a respeito dos motivos que o levaram a decidir publicá-lo:

No es el prometer mucho ó que puede llamar la atención acia ninguna obra, ni mucho menos ácia un periódico español en Londres. Seria una vanidad ridicula que un extranjero quisiese competir en ilustración ó en noticias con los papeles nacionales que casi inundan á esta capital inmensa ó que exagerando su patriotismo pretendiese aparecer como un nuevo y temible atleta en las contiendas políticas de Europa (*El Español*, 30 de abril de 1810, p. 1)

A partir da edição 12, assina muitos de seus artigos enquanto *João sem Terra*, alusão ao rei inglês obrigado a um acordo com seus barões para manter o trono, promovendo, indiretamente, a primeira reforma agrária da Inglaterra⁴.

⁴ Nas narrativas populares britânicas, é contra ele que se levanta Robin Hood, mais tarde transformado em personagem literário por Walter Scott. Bom administrador, mas extremamente despótico, ainda hoje divide

Não é apenas no formato que *El Español* se aproxima do *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa. Blanco White e Hipólito possuíam um pensamento semelhante, de tal sorte que os dois periódicos trocavam artigos entre si, para além de *El Colombiano*, de Francisco Miranda (Buvalovas, 2013, p. 160). Para o vice Rei do Peru, José Abascal, as duas publicações eram caracterizadas como “espécies que são subversivas de toda a boa ordem e a união, que nós buscamos simplesmente salvar” (Racine in Bantman et Silva, 2019, p. 18).

Bernardo Monteagudo

Nascido em Tucumán, na Argentina, provavelmente em 1789, Bernardo Monteagudo estudou na Universidade de Chuquisaca, na Bolívia, principal centro ilustrado do continente. Na universidade, Monteagudo escreveu uma peça de teatro denominada *Diálogo entre Atahualpa y Fernando VII en los campos de Eliseo* (Chamorro, Lima, 1974, p. 251). Por isso, Monteagudo foi preso, mas conseguiu fugir no ano seguinte, estabelecendo-se em Buenos Aires e ali participando da redação da *Gaceta de Buenos Ayres*. Na época, ele era percebido como mestiço, e sua ascendência africana contribuiu para que, posteriormente, historiadores nacionais, movidos por preconceitos, tentassem apagá-lo das narrativas canônicas da História oficial do país.

Monteagudo vinculou-se ao Primeiro Triunvirato, através de Mariano Moreno, mas ao discordar do andamento das coisas, fundou um jornal próprio, *Mártir, o Libre*⁵. Este começou a circular em 12 de março de 1812. Escreve o redator:

(...) La experiencia ha justificado en todos los tiempos la importancia de los periódicos, mucho mas en un Pueblo donde casi son los únicos resortes para dirigir la opinión publica. Sin ella la libertad de imprenta quedaria reducida à la estéril fê de los que creyesen su existência, si por outra parte no se transmitisen al publico otras ideas, que las que el Gobierno quisiese comunicarle. En tal caso el espíritu de LIBERTAD sería bien presto tiranizado, y la opinión publica seguiria como un humilde siervo las opiniones ministeriales (Mártir, o Libre, 29 de março de 1812, p. 1).

Mártir, o Libre foi impresso em março e em maio. Ao mesmo tempo, Monteagudo criava um segundo periódico, junto com Mariano Moreno, *El Grito del Sud*, que começou a circular apresentando este *programa editorial*:

os historiadores. Opositor de Ricardo III, tentou ocupar seu trono quando aquele se encontrava numa cruzada em Jerusalém, mas foi derrotado.

⁵ *Mártir, o Libre*, Lima, marzo-mayo 1812. Edição fac-similada de Buenos Aires, Coni Hermanos, 1910. London, Forgotten Books. 2018.

Al igual que el anterior era rioplatense y semanario, publicado cada martes, en Buenos Aires, editado en 8 páginas, no publica sus textos dispuestos en secciones, sino que los escribe indistintamente, separándolos solamente por sus títulos. En muchas ocasiones publica poemas exaltando la libertad o condenando la esclavitud a que somete España a sus colonias. El tono habitual de El Grito del Sud es la exaltación de la libertad. (Almeida, 2009, p. 91).

Monteagudo terá participação na Assembléia Constituinte de 1813, onde apresenta propostas de leis sobre a liberdade de imprensa, o fim da servidão indígena e a abolição dos títulos de nobreza.

Entre 1815 e 1817, por questões de segurança pessoal, exilou-se na Europa, de onde regressa para juntar-se a José de San Martín, em Tucumán, tornando-se o Auditor do Exército dos Andes. Acompanha San Martín na travessia⁶ e nos acontecimentos que resultam na independência do Chile, assim como segue com San Martín nas lutas para a independência do Perú, entrando em Lima, pacificamente, em julho de 1821.

Tanto no Chile, quanto no Peru, Monteagudo defende os mesmos princípios quanto à liberdade de imprensa e à extinção da escravidão. No Chile, cria o jornal *El censor de la Revolución* (1820). Este periódico foi editado em Santiago do Chile, entre abril e julho de 1820, e consta de sete edições.

Logo em seguida, ele embarca com San Martín em direção a Lima, chegam à *Cidade de las Luces* em setembro de 1820 e obtém a vitória no ano seguinte. Com a vitória da revolução, é nomeado Ministro da Guerra e da Marinha, mais tarde, Ministro do Governo e de Relações Exteriores.

Quando San Martín se afasta da administração peruana, retornando à Argentina e, depois, buscando o exílio na França, Monteagudo se aproxima de Simón Bolívar. Cria e edita o *El Pacificador*, em Lima (1820), em resposta ao jornal *El Triunfo de la Nación*, criado pelo Vice rei La Serna, em Lima, para resistir à propaganda desenvolvida fortemente por San Martín, entre 13 de fevereiro e 29 de maio de 1821. *El Pacificador*, por seu lado, teve treze edições, entre maio e setembro daquele mesmo ano de 1821.

No Prospecto de *El Pacificador*, Bernardo Monteagudo insiste na mesma perspectiva da legitimidade do movimento revolucionário:

⁶ Todas estas publicações estão reunidas num único volume, editado pela Comisión Nacional del Sesquicentenario de la Independencia del Perú, Lima. Sem data (presumível 1971).

Cuando la guerra solo se emprende para vengar las injurias recibidas de un poder extraño, la alternativa de las desgracias modifica luego el encono, y las primeras victimas hastan para expiar los agravios que se reclaman. Pero cuando los insultos se unen a los ultrages que han provocado á tomar las armas, la sangre y los estragos, los triunfos y la vicisitudes encienden cada vez mas el animo en los que en su propia estimacion se consideran degradados por el desprecio. Entonces no hay mas compensacion de lo pasado, que la seguridad de un porvenir diverso; y las treguas momentaneas de las pasiones o de los esfuerzqs que ellas inspiran, son como el reposo de la naturaleza en la vispera de una explosion terrible (Tauro, 1971, p. 261)

O título do jornal não foi suficiente para afastar Monteagudo de detratores. Em 1824, ele segue para o Panamá, enviado enquanto embaixador, por San Martin. Mais tarde, entre junho e julho de 1826, ocorreria o Congresso do Panamá, idealizado por Bolivar que, no entanto, não pode comparecer, porque se encontrava com problemas políticos no Perú. Monteagudo, embora sua visão americanista, também não compareceu ao encontro porque, no dia 28 de janeiro de 1825, foi assassinado com duas facadas certeiras no coração, por dois mercenários que, num pacto de mutismo, jamais revelaram os mandantes do crime.

Juan Garcia del Río

Nascido em Cartagena de Indias, na Colômbia, em 1794, estudou e se formou em Literatura, em Cádiz, na Espanha, em 1810. Quando o pai, que era espanhol, morreu, em 1813, García del Río se sentiu liberado para seguir sua própria vida e assim retornou à América, seguindo para o Chile, onde se tornou secretário do recém eleito Bernardo O'Higgins, a partir de 1817.

Garcia del Rio também foi Secretário de Relações Exteriores de José de San Martín, e após a vitória da revolução, no Perú, tornou-se seu Ministro de Governo. Em Lima, fundou a Biblioteca Nacional.

Em suas diferentes funções, sempre enfatizou a questão da liberdade de imprensa, inclusive enquanto membro do gabinete do primeiro presidente do México, Antonio Lopez de Santa Anna. Seus últimos anos foram vividos em Santiago do Chile, fundamentalmente enquanto jornalista, tendo criado, dirigido e redigido *El Sol de Chile*, semanário que começou a circular em 3 de julho de 1818. Na primeira edição da publicação, escreveu:

Son incontestables el poder de la imprenta i su l influjo sobre la civilización, es decir, sobre el desarrollo de las facultades del hombre en el sentido mas útil á la sociedade. Así, cuándo se nos disse que “los Norte-Americanos en sus nuevos establecimientos, trazan primero um camiño y llevan después uma imprenta para tener um papel público , me parece que en esta doble operación consiguen el objeto i hacen el análisis de todo buen sistema social, supuesto que la sociedad no es mas que la comunicación fácil i libre de las personas , de los pensamientos i las cosas, i que todo el arte del gobierno se reduce á impedir las colisiones violentas , capaces de destruirla (García del Río, 1818, p. 1).

O periódico chegaria a circular até 12 de fevereiro de 1819, num total de 31 edições, organizadas em dois tomos. No ano seguinte, fundou outro periódico, *El Telégrafo*, já então bissemanal, mas que durou apenas até o ano seguinte.

No começo da década de 1820, Andrés Bello e Juan García del Río desempenhavam em Londres cargos representativos para os governos do Chile e do Peru, respectivamente; em diálogo com outros intelectuais americanos, organizaram a *Biblioteca Americana e El Repertorio Americano* (1826-1827). Ambas as revistas foram pensadas para serem "distribuidas na América e para os americanos": pretendiam "pulir y perfeccionar la causa emancipadora a través de la palabra, formando y cimentando una realidad moral e ideológica" (Ramírez Delgado, 2012, p. 118). As publicações foram antecedidas pela edição da *Biblioteca Colombiana*, revista literária e científica publicada durante o Protetorado de San Martín no Perú, que apareceu em dezembro de 1821, em Lima, mas de que só se editou o número 1 do I tomo.

A *Biblioteca Americana* também era denominada *miscelânea de literatura*, cujo primeiro volume estava dedicado às artes e às ciências. A publicação é creditada a uma Sociedade de Americanos. Bello e García del Río defendiam a necessidade de uma simplificação ortográfica para o espanhol que se escrevia nas Américas, que fosse mais próximo daquela língua que se falava no continente.

Em síntese...

Em primeiro lugar, José de San Martín é uma figura extraordinária de liderança: sem sua habilidade estratégica militar e, sobretudo, sem sua criativa utilização da imprensa, através de jornais, bandos e proclamações, o processo independentista teria sido mais lento e mais sanguinário. Mas deve-se registrar que San Martín não operou sozinho. Há um número, embora reduzido, mas muito qualificado, de militantes que, entre as batalhas, com suas espadas, arranjam tempo e acreditam fortemente que a guerra

precisa ser vencida também no campo das idéias. Por isso, eles se dedicam a um jornalismo militante, extremamente perseverante, genericamente denominado *publicismo*.

Em segundo lugar, é fundamental entender a importância da Ilustração entre todos eles, com uma sutileza essencial: não são só aqueles que se formam ou se encontram na Europa, sobretudo em Londres, como o próprio San Martín ou Blanco White. Também os que se formaram na própria América e em suas universidades, como é o caso de Bernardo de Monteagudo, receberam as luzes desta ilustração, o que nos leva a registrar que, sim, a Ilustração, de fato, chegara ao continente: Carlos III não errou em preocupar-se com o desenvolvimento da educação, inclusive a universitária. O que ele, talvez, não conseguiu antecipar, é que este processo seria tão radicalmente importante para o futuro do continente e suas lutas emancipacionistas.

Em terceiro lugar, e por fim, sublinha-se a importância da imprensa, mesmo que numa sociedade basicamente analfabeta: a prática da leitura em voz alta foi um procedimento fundamental, sem o qual aquelas idéias não teriam se generalizado tão fortemente. O debate que Fernando Sánchez Zinny propõe é ainda fundamental “acerca del alcance y de las modalidades que puede tener el periodismo” (2010, p. 18).

Referências

ALMEIDA, Verbená Córdula. “*El Grito del Sur y El Independiente*: propaganda contra al dominio español”, in **Hologramática**, Universidad Nacional de Lomas de Zamora, Buenos Aires, Año VI, nº 10, Vol. 2, 2009, ps. 81-107.

ARES, Fabio Eduardo. **Expósitos: La tipografía em Buenos Aires (1780-1824)**, Buenos Aires, Patrimonio e Instituto Histórico . 2010.

BANTMAN, Constance et SILVA, Ana Cláudia Suriani da. **The foreign political press in nineteenth-century London**. Bloomsbury Academic. 2018.

CHAMORRO, Guillermo Ugarte (Org.) **El teatro en la independencia**, Lima. 1974, Tomo XXIII, Vol. 1º.

CIMORRA, Clemente. **Historia del periodismo**, Buenos Aires, Atlántida. 1946.

DELGADO, María Ramírez. “La Biblioteca Americana y el Repertorio Americano: una propuesta del ideal social”, *América*, nº 41, 2012, p. 118.

EL ESPAÑOL. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bne.es/hd/es/card?sid=4209440>. Acesso em: 16 jun. 2025.

EL PACIFICADOR. Disponível em:
<https://repositorio.bicentenario.gob.pe/handle/20.500.12934/172>. Acesso em: 16 jun. 2025.

EL SOL DE CHILE. Disponível em:
<https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:124380>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FERNÁNDEZ, Amalia Ortiz de Zárate et SARTORI, Rodrigo Browne. “Juan Garcia del Rio: um intelectual colombiano para el periodismo de Ambas Americas” in **Estudios Ibero-americanos**, Porto Alegre, PUCRS, Vol. 39, nº 1, janeiro-junho de 2013, ps. 99-114.

GACETA DE BUENOS AYRES. Disponível em:
<https://www.cervantesvirtual.com/obra/gaceta-de-buenos-aires-18101821-tomo-4-anos-1814-a-1816--0/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

INSTITUTO NACIONAL SANMARTINIANO. **San Martin y la cultura**, Buenos Aires, 1978.

LUSTOSA, Isabel. **O jornalista que imaginou o Brasil**, Campinas, Editora da Unicamp. 2019.

MÁRTIR, O LIBRE. Disponível em:
https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/martir_o_libre_1812.pdf. Acesso em: 16 jun. 2025.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso. **História da imprensa**, Lisboa, Planeta. 1996.

RACINE, Karen. “Newsprint Nations: Spanish American publishing in London” in BANTMAN, Constance et SILVA, Ana Cláudia Suriani da. **The foreign political press in nineteenth-century London**, London, Bloomsbury Academic. 2018.

REPOSITORIO BICENTENARIO BIBLIOTECA NACIONAL 2024, Tomo XXIII, vol.1.

REVELO, José Torre. “San Martin y la primera imprenta que funcionó en Mendoza”, in INSTITUTO NACIONAL SANMARTINIANO, Buenos Aires, 1978, p. 9 e ss.

SILVEIRA, Mauro César. **Um pecado original**, Florianópolis, Insular. 2014.

ULANOVSKY, Carlos. **Parén las rotativas. Diarios, revistas y periodistas (1920-1969)**, Buenos Aires, EMECE. 2005.

VICENTE, Enrique Ríos. “O jornalismo na América Latina” in QUINTERO, Alejandro Pizarroso. **História da imprensa**, Lisboa, Planeta. 1996.

ZINNY, Fernando Sánchez. **El periodismo en la Revolución de mayo**. Buenos Aires, Academia Nacional de Periodismo. 2010.